

OLEGÁRIO PAZ

OS
AÇORES
NOS VERSOS
DOS SEUS
POETAS

COLETÂNEA

[400 POEMAS - 400 POETAS]

Letras
Lavadas[®]
edições

ÍNDICE

Apresentação - Olegário Paz.....	5
Prefácio - Onésimo Teotónio Almeida.....	7
Ilha do Corvo - (Nota de João Saramago).....	11
Ilha das Flores - (Nota de Nuno Vieira)	15
Ilha do Faial - (Nota de Maria Inês Vargas).....	37
Ilha do Pico - (Nota de Manuel G. Serpa).....	85
Ilha de São Jorge - (Nota de Frederico Maciel)	113
Ilha Graciosa - (Nota de Victor Rui Dores)	155
Ilha Terceira - (Nota de Álamo Oliveira)	165
Ilha de São Miguel - (Nota de Maria João Ruivo).....	257
Ilha de Santa Maria - (Nota de Manuel Chaves)	437
Açorianófilos - (Nota de Miguel Real).....	445
Posfácio - Artur Teodoro de Matos.....	549

APRESENTAÇÃO

os AÇORES nos versos dos seus poetas – é o quê?

É a fixação em livro dos versos de açorianos que colhi e divulguei via e-mail ao longo de muitos anos a um elevado número de interessados. A iniciativa chamou-se *PorqueHojeEhSabado*, teve como subtítulo “Açorianidade” e pretendeu dar a conhecer o que da vida e cultura açorianas é dito em verso por gente natural dos Açores, esteja onde estiver, e por não açorianos que cantam ou cantaram as nossas ilhas como se delas fossem naturais, seguindo o critério ‘um autor um poema’. Juntei intencionalmente poetas consagrados e versejadores, por uma razão muito simples: eruditos ou do povo, cada qual revela à sua maneira traços culturais que nos caracterizam, merecendo, por isso, igual atenção.

O que ‘cantam’ os poetas dos Açores?

A Ilha - falésia, magma, rocha, basalto, lava, vulcão, sismos...

O Mar - oceano, azul, cais, barcos, lapas, búzios, medos...

O Campo - paisagens, montanha, hortas, quintais; árvores - cedros, figueiras, criptomérias, loureiros, araucárias; flores - madressilva, rosas, lírios, camélias, hortênsias; animais - cão, grilo, milhafre, gaivota, garça, peixes, golfinhos; culturas - milho, espigas, vinho de cheiro...

A Natureza - as quatro estações, chuva e vento, dia e noite, sol, sombras, lua, luar, estrela...

O Tempo - passado, presente, futuro; atmosférico; relógio...

As pessoas - infância, adolescência, adulto, mulher, velhice; camponês, empregado, senhor; corpo, alma, vida, pão, pobre, doença, dor, sofrimento, amargura, fome, morte, holocausto; amor, ternura, olhar, ilusão, sonho, solidão, saudade, evasão...

A Sociedade - denúncia de injustiças, de cunhas; religião, festas, natal, arraiais, romeiros, Espírito Santo, lendas; música - piano, modas; palavra, poesia, poetas...

A Emigração - América, viagem, despedidas; dores e alegrias...

Quem são os ‘cantores’?

Advogados, animadores culturais, arquitetos, artistas plásticos, assistentes sociais, atores, bancário, biblistas, bispos, cientistas, comerciantes, cozinheiros, diplomatas, dramaturgos, economistas, emigrantes, empregados do comércio, empregados de escritório, empresários, engenheiros, escritores, escriturários, estudantes, funcionários públicos, informáticos, jornalistas, juízes, lavradores, livreiros, médicos, militares, museólogos, padres, pescadores, pintores, polícias, políticos, professores, psicólogos, sociólogos, técnicos de biblioteca, violeiros...

Quê de fontes? Quê de apoios?

Para a recolha dos versos, socorri-me de alguma documentação pessoal, da Internet e da Biblioteca Nacional de Portugal, mas fico a dever à disponibilidade de um enorme grupo de amigos e conhecidos, que não identifico porque com certeza iam ficar de fora muitos deles, os imprescindíveis apoios no tocante à descoberta de açorianófilos e de versejadores e poetas das várias ilhas, à trabalhosa localização de detentores dos direitos de autor e necessária concessão de licenças para divulgação dos respetivos versos em suporte papel e, por fim, à meticulosa e persistente leitura e correção dos erros e gralhas que sempre nos escapam.

Bem hajam!

Mora, 22 de julho de 2020

Olegário Paz

PREFÁCIO – OU SETE ANOS DE LABOR...

Abro esta introdução prefacial com uma afirmação categórica e sem reservas. Não conheço nenhuma antologia de poesia com as características desta: um poema de cada um de todos os autores de uma Região, ou de autores que escreveram sobre a mesma Região. Acontece ser sobre os Açores, onde, diz com graça o poeta Vasco Pereira da Costa, há mais poetas do que vacas. E quem quer que esteja familiarizado com estas ilhas sabe que as vacas abundam nas suas verdejantes terras de viçosas pastagens. Tornou-se até proverbial a frase de um Presidente da República que, de passagem pelo arquipélago, ao contemplá-las nesse cenário bucólico tão típico dos Açores, lhes chamou “vacas felizes”.

Não poderá dizer-se o mesmo dos poetas, porque há essa ideia-cliché (embora não meramente convencional pois respira muita verdade) que coloca os poetas no mais inconformado, desadaptado, menos contente dos grupos humanos, criadores de versos muitas vezes por sentirem necessidade de ultrapassar as barreiras das estruturas conformizantes que os constroem.

Não merecerá muito a pena determo-nos nestas considerações ainda que, por sinal, não sejam de todo descabidas entre os conhecedores da cena literária dos Açores e da Madeira. Com efeito, circula há muito a interrogação sobre as causas da existência de tanto poeta nos Açores, quando comparado com o arquipélago vizinho. As explicações produzidas em tertúlia de café e serões de amigos sugerem o lado melancólico, sombrio, pouco exuberante, introvertido mesmo da paisagem açoriana, em contraste com o soalheiro, vigoroso e de animadas cores quentes, relevo madeirense.

O melhor será deixarmos mesmo esta sorte de especulações que parecem escapar, por impossibilidade natural, a qualquer tentativa de teste empírico e regressarmos a esta antologia e aos seus méritos.

Ela começou pelo despreocupado envio semanal de um poema açoriano a um pequeno grupo de patrícios, vários deles dispersos nas duas margens do Atlântico. O Olegário Paz, que foi solista barítono no orfeão do Seminário de Angra e ainda hoje mantém bem expressivo o timbre da sua voz, para mitigar a saudosa ausência de solos, achou

que poderia continuar a mantê-lo afinado lendo poemas em voz alta e gravando-os para benefício dos amigos. “Porque Hoje É Sábado” começou pois a surgir regularmente nos nossos ecrãs e, aos poucos, também no de açorianófilos espalhados pelo globo porque, por contágio, outros se foram juntando à lista de interessados em receber esse mimo semanal. Infalivelmente ao sábado de manhã, ano após ano, o Olegário foi-nos remetendo de Lisboa ou de Mora, no Alentejo, onde divide o seu tempo livre de aposentadoria, os poemas de sua escolha, interrompendo-se apenas por curta temporada no pino do Verão.

A partir de certa altura, porque as reacções dos recebedores da generosa oferta o estimulavam a continuar, passou a recorrer à sua outra veia, a de investigador. Empenhou-se então profundamente no alargamento do seu rol, fechando-se na Biblioteca Nacional e não só, na peugada de livros dos quais obtivera, aqui e ali, indirecta, leve, vaga ou mesmo nebulosa referência. Amigos diversos colaboraram remetendo poemas de autores desconhecidos, ignorados, ou de obra dificilmente localizável, ou enviando-lhe pistas que ele depois seguia quase sempre com êxito. Assim, o projecto foi engrossando, e os poemas surgindo regular e ininterruptamente nos ecrãs dos nossos computadores, garantindo-nos um raio de luz em cada manhã de final de semana, fosse ele ensolarado ou açorianamente nublado e chuvoso.

Antigamente, classificava-se de paciência beneditina um esforço tão denodado, persistente e insistente, esmerado e minucioso. Quem conhece o Olegário sabe que são exactamente essas as características que, em cada primavera fazem florescer na sua horta e pomar alentejanos deliciosos vegetais e frutos. Já era assim também que, nos seus tempos de professor, ele marcava para sempre gerações de alunos que, guiados por olhos e saber experientes, aprenderam a conhecer e amar a sua língua materna através da obra dos seus melhores escritores e poetas. Aplicando os mesmos princípios de professor e agricultor intuitivo, mas também conhecedor, conseguiu uma inigualável colheita de poemas nesse rico “viveiro” açoriano, como Nemésio gostava de chamar às suas férteis ilhas. Desde o início fez questão de ser abrangente, incluindo poetas tanto eruditos, como populares, bissextos, curiosos e ocasionais.

Tão abundante colheita não seria de ficar apenas armazenada nos computadores dos contemplados pela sua semanal oferta.

Impunha-se assegurar para essa vasta colectânea uma sobrevivência mais sólida, que só um livro à antiga, de papel tangível e folheável consegue fazer perdurar. Os incentivos para que esse passo fosse dado vieram de todos os lados, e as vozes mais conhecedoras do meio editorial insular foram concordantes: a Letras Lavadas seria a porta a bater com possibilidades de se abrir à ideia. E foi. Em pouco tempo, o projecto se pôs a caminhar em terreno seguro, permitindo assim o usufruto deste grosso volume de páginas repletas de poemas, se calhar o mais volumoso livro de poesia publicado em Portugal. A afirmação pode perdurar até ser posta em causa pela edição de outro maior.

Toda a gente sabe o complexo, delicado e melindroso que é lidar hoje com autores e editoras quando se procura obter direitos de publicação. O Olegário teve de lidar com uma lista imensa de indivíduos e suspeita-se que tenha tido de enfrentar problemas vários, pois não pode ter fugido à regra. Todavia ninguém nunca se lhe ouviu uma única queixa. É essa outra das suas virtudes a juntar-se à lista que explica o êxito de todo este seu labor.

O leitor tem agora nas mãos o produto final. Nem o seu coordenador nem ninguém alguma vez imaginou que a lista dos poetas iria crescer tanto, a ponto de a leitura e envio periódico de textos ter acabado durando mais de sete anos. O facto é que durou.

Sete anos de poemas. Caso para parafrasear Camões: *Sete anos de pastor de poetas Olegário serviu... E mais servira se não fora...* a dificuldade de ir embrenhar-se pelos arquivos e bibliotecas dos Açores e pelas páginas de jornais, só disponíveis para quem tem acesso aos exemplares quase únicos, emedados em prateleiras esquecidas e poeirentas por essas ilhas fora.

Continuando a valer-me de Camões, fica o voto: que não lhe seja curta a vida, pois tão longo amor servirá para o nosso coleccionador prosseguir ressuscitando poemas de poetas mortos, mas também estimulando os novos a manterem produtivo o viveiro insular, assim ampliando este impressionante volume.

Providence, 6 de Maio de 2020, Onésimo T. Almeida